DA SUBVERSÃO À APROPRIAÇÃO: A INDÚSTRIA DA MODA E A EXPLORAÇÃO DOS SIGNOS DA SUBCULTURA GÓTICA

Samantha Sávia Santos Soares
samanthasaviass@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar como acontece a apropriação de signos da subcultura gótica pela indústria da moda e como esses símbolos são esvaziados. Dessa forma, busca-se entender o que é a subcultura gótica e quais são esses signos, e fazer uma análise de dois *looks* de coleções lançadas por marcas diferentes na mesma temporada, nas quais ambas apresentam símbolos góticos, e entender como essas marcas utilizaram esses signos góticos e se foram descaracterizados. Portanto, trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, almejando enriquecer o conhecimento acadêmico sobre o tema em questão, além de ser um estudo de caso com base teórica por meio da análise semiótica de imagens paradas.

Palavras-chave: Gótico; Apropriação; Semiótica

1. Introdução

A apropriação de signos da subcultura gótica pela indústria da moda é uma questão que apresenta controvérsias, principalmente quando estes símbolos são esvaziados. Um exemplo desta apropriação pode ser visto em desfiles de moda, onde muitas vezes marcas de luxo utilizam da estética característica da subcultura gótica como tendência, com o único objetivo de gerar lucro sobre a identidade da subcultura.

Para entender como acontece o esvaziamento desses signos góticos é importante analisar e entender como eles são utilizados pelas marcas de moda. A subcultura gótica é reconhecida por suas expressões artísticas, estéticas e filosofias profundamente enraizadas na resistência ao *mainstream* cultural e na busca por uma identidade individual distinta, e uma vez que a indústria da moda tem frequentemente se apropriado dos elementos visuais e simbólicos associados a ela, eles são transformados em produtos comerciais despidos de seu contexto original.

Partindo deste princípio, esta pesquisa exploratória de abordagem qualitativa tem como objetivo analisar como acontece a apropriação de signos da subcultura gótica pela indústria da moda e como esses símbolos são esvaziados. Para tal, foi realizado um estudo de caso, sob a ótica do *design* industrial e da análise semiótica de imagens paradas de Gemma Penn (2008), onde dois *looks* elaborados por marcas distintas foram selecionados para análise. Assim, as duas coleções de moda puderam ser comparadas, já que foram lançadas na mesma temporada por marcas diferentes, e ambas apresentam signos góticos em suas roupas. Como resultados, foi possível observar como se desenrola, na indústria da moda, os processos de capitalização dos símbolos e de consumo subcultural, e que eles podem ocorrer em simultâneo, na contemporaneidade.

.

2. Referencial teórico

2.1 Cultura, Linguagem e Semiótica

Cultura em seu significado antropológico, trata-se do "conjunto de experiências humanas (conhecimentos, costumes, instituições, etc.) adquiridas pelo contato social e acumuladas pelos povos através dos tempos" (Luft, 2008, p. 209). Desse modo, entende-se por cultura o conjunto de características formadas ao longo do tempo pelo ser humano, que segundo Morgado (2014), é transmitida das gerações adultas às gerações mais jovens pela educação, uma vez que educar, é passar aos indivíduos os valores, conhecimentos, as técnicas, o modo de viver, enfim, a cultura do grupo.

De antemão, é indispensável o papel da linguagem para que haja essa transmissão de signos de uma cultura por gerações, já que a forma como as palavras são usadas e os significados atribuídos a elas refletem a riqueza e a complexidade de uma cultura, uma vez que "a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial" (Bakhtin, 1929, p. 95). Ainda para Bakhtin (1929), é dessa forma que há a compreensão das palavras, e somente há reação àquelas que despertam aos indivíduos ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Dessa forma, como é necessário a presença de significado para que haja compreensão das palavras e consequentemente a comunicação, é possível notar que a semiótica e a linguagem atuam de forma interdisciplinar, uma vez que a concepção semiótica tem a "capacidade de transformar toda informação circundante em conjuntos diversificados, porém organizados, de sistemas de signos, aptos a constituir linguagens" (Machado, 2010, p. 160). Em suma, é possível afirmar que para manter a cultura, é indispensável o uso da linguagem, na qual sendo esta última um sistema complexo de signos utilizado para a comunicação. É fundamental a presença da semiótica no processo de significação desses signos para que a linguagem seja construída.

A Moda possui a capacidade de comunicar o espírito de uma época a partir das roupas, ou como coloca Barthes (2009, p. 33), a Moda converte o vestuário em linguagem. Portanto, vale pontuar a importância da semiótica para os estudos da Moda, enquanto fenômeno sociocultural onde a comunicação (não-verbal) se dá através das roupas e do sistema complexo de signos e símbolos que constituem as roupas.

2.2 Origem do Gótico

Um termo no qual pode-se afirmar ter passado por processos de significação ao longo dos anos é o termo gótico. Sua origem se deu no Renascimento, fazendo referência ao povo godo, sendo utilizada por tratadistas renascentistas com um sentido pejorativo para referir-se principalmente à arquitetura e depois às "artes menores" da Idade Média (ITAÚ Cultural, 2023). O desprezo dos renascentistas, sobretudo à estética gótica na qual eles se referiam de forma negativa, se dá ao desapreço pela Idade Média, também referida por "Idade das Trevas", uma vez que o Renascimento é associado ao prestígio de uma mudança que se imagina radical no curso dos saberes, e a Idade Média mantém-se irremediavelmente associada ao apodo obscurantismo (Machado, 2007).

A posteriori, já no século XVIII, surge o Romantismo, um movimento artístico e cultural no qual se opõe à estética neoclássica, sendo constituído de "uma nuvem de ideias fundamentais que podem ser identificadas por algumas expressões: 'sentimento', 'imaginação criadora', 'originalidade', 'gênio, 'expressão'" (Barros, 2009, p. 171). Assim, o Romantismo traz ao foco novamente o gótico naquela época, dessa vez não somente referente à arquitetura, mas ao

conjunto de artes consideradas góticas, visto que a literatura gótica se consolidou como uma tradição artística que codificou, por meio de narrativas ficcionais, um modo de figurar os medos e de expressar os interditos de diversos grupos sociais (França, 2016).

Efetivamente, os signos vistos na Idade Média, antes considerada sombria, supersticiosa, irracional e gótica no seu sentido mais pejorativo da palavra, no Romantismo ela passa a ser tratada como um mundo de heroísmo, de misteriosa magia, de amores intensos e de empolgantes aventuras (Barros, 2009), fazendo assim com que histórias com presença de catedrais góticas, histórias trágicas de amor e morte fossem consideradas "românticas".

Como resultado, o que antes era entendido como gótico no período do Renascimento, ou seja, o "bárbaro" e "monstruoso" da Idade das Trevas, com o Romantismo o termo gótico passou a ser associado à melancolia, tragicidade e um cenário mais sombrio, dando força ao surgimento da literatura gótica que vem a se tornar um dos pilares da subcultura. Assim, muitos dos aspectos característicos da subcultura gótica podem ser observados a partir da maneira como os indivíduos góticos se vestem.

2.3 Subcultura Gótica e Moda

Compreende-se a subcultura como uma cultura presente em culturas maiores, possuindo um conjunto diferenciado de valores, crenças, normas, padrões de comportamento, símbolos e representações próprias (Mendonça, Scheffel, 2021). Assim, o conjunto de todos os signos que formam uma subcultura, influenciam em vários aspectos no cotidiano no indivíduo no qual faz parte dela, sendo a identidade visual um desses pontos.

Ademais, a subcultura gótica considera-se disruptiva, expressando uma visão de mundo progressista em relação a diversos temas como as questões de gênero, feminismo, igualdade étnica etc. (Kipper, 2023). Ainda para Kipper (2023), o antifascismo é a posição básica de qualquer pessoa civilizada que defenda posições democráticas e os direitos humanos, e a visão de mundo fascista (e reacionária no geral) é totalmente incompatível com o discurso simbólico da subcultura gótica.

Naturalmente, os signos presentes na subcultura gótica acabam por influenciar na vestimenta dos góticos, sendo um dos seus símbolos mais populares, a cor preta. Cordeiro (2017) afirma que o valor simbólico negativo da cor, muito associada à morte e trevas, pode causar prejuízos aos góticos em seu cotidiano até mesmo no ato de ser visto em sociedade, sendo alvo do preconceito de outros.

A priori, não é difícil ver grandes grifes de moda apresentarem coleções providas de uma estética gótica e iniciar uma discussão sobre a apropriação da subcultura a fim de lucros, uma vez que "O capitalismo como um modo societário que transforma tudo em mercadoria [...] encontra diversas formas de se reelaborar e se expandir durante a história." (Moraes, 2017). O autor ainda afirma que "nos momentos de crise, os capitalistas se agarram até mesmo em coisas que antes lhe eram exóticas e marginais, na tentativa de capitalizar e manter a estrutura de relações às quais vivemos hoje." (Moraes, 2017).

Além do mais, é válido relembrar pontos traçados anteriormente, no qual góticos acabam por serem prejudicados em razão ao preconceito tido pela sociedade ao que foge do padrão. Dessa forma é necessário analisar: é válido apropriar-se de uma subcultura na qual é constantemente marginalizada e alvo de preconceitos apenas por fins lucrativos e a descartar em seguida? Sobretudo quando o capitalismo se apropria de signos de uma subcultura que luta contra o sistema de consumismo e descarte como afirmado por Kipper (2023).

3 Desenvolvimento

3.1 Procedimentos Metodológicos

O presente artigo tem como objetivo analisar como a indústria da moda faz a apropriação de signos da subcultura gótica e entender até que ponto estes símbolos são descaracterizados. Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, almejando enriquecer o conhecimento acadêmico sobre o tema em questão. Dessa forma, foram analisadas duas coleções de moda de marcas diferentes, as quais ambas apresentam signos tidos como góticos, e foi avaliado como esses simbolismos se comportam.

Desse modo, foi realizado um estudo de caso, no qual se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos por ele significativamente representativo (Severino, 2007). Neste contexto, os casos aqui estudados foram duas coleções de moda, sendo elas a coleção de Outono/Inverno 2024 da marca italiana de luxo Versace e a coleção de Outono/Inverno 2023-24 da marca japonesa Alice Auaa, por meio de uma comparação entre um look escolhido de ambas as coleções. Para o estudo, é importante levar em consideração que a Versace normalmente não é uma marca reconhecida por ter como público-alvo indivíduos pertencentes à subcultura gótica, utilizando os signos góticos somente desta coleção em específico, enquanto a marca japonesa é direcionada à subcultura gótica.

A priori, as coleções foram escolhidas pelos seus fatores imagéticos, uma vez que as duas apresentam uma gama de signos considerados góticos em suas roupas. Esses signos, por sua vez, são lidos a partir dos elementos configurativos do *design* industrial, que para Lobach (2001, p. 161) "podem ser descritos como portadores da informação estética de um produto", sendo esses forma, material, superfície e cor. Para a indumentária gótica, há elementos característicos do seu estilo, dentre eles são citados por Silva (2024) a predominância da cor preta, assim como a presença de tecidos como renda, veludo e couro.

Ademais, Caetano (2020) aponta como signos góticos pertinentes o uso de símbolos religiosos e o vampirismo, expressos esteticamente, compostos por peças de tecidos fluídos de algodão, mangas compridas, babados, corsets, corselets, longos casacos masculinos e saias femininas, remetendo assim a imagem do vampiro vitoriano muito presente na literatura gótica romântica. Já a presença do fetichismo, como também apontado por Caetano (2020), é expresso através da transparência e uso de *hardness* de couro, além do látex, meias arrastão e botas de PVC, mencionadas por Oliveira (2016) como características deste fetichismo como uma forma de expressão da comunidade. Além disso, também são enfatizados por Silva (2024) a constante aparição da alfaiataria e silhuetas refinadas, com ênfase em elementos de *design* como decotes altos, recortes e detalhes inspirados nas catedrais góticas.

Assim, para a credibilidade da pesquisa, serão impostos critérios de legitimidade, a fim de assim possibilitar uma análise fidedigna do caso. Para determinar tais critérios, foram levados em consideração os conceitos de análise semiótica de imagens paradas de Gemma Penn (2008, p. 325), em que "o processo de análise pode ser descrito como uma dissecação seguida pela articulação, ou a reconstrução da imagem semanticizada". Penn (2008, p. 325) ainda afirma que "o objetivo é tornar explícitos os conhecimentos culturais necessários para que o leitor compreenda a imagem."

4 Análise e discussão dos dados coletados

A coleção de Outono/Inverno 2024 da marca de luxo italiana Versace, assinada por Donatella Versace e descrita pela mesma no site oficial[1] da marca como uma "coleção de atitude rebelde e coração gentil" (2024), apresentam algumas características tipicamente ligadas a subcultura gótica, nas quais serão analisadas e identificadas no look a seguir escolhido como amostra de estudo.

Figura 1: Look Versace, 2024

Fonte: https://www.versace.com/row/en/stories/fashion-shows/fw-2024-fashion-show.html

Observando os elementos do *design* apresentados no *look* de número 17 (Figura 1), em relação a sua cor, é notória a predominância do preto, símbolo tipicamente associado à indumentária gótica, como afirmado por Silva (2024) e Cordeiro (2017). Também entra em destaque as cores vermelho e branco, comumente utilizadas na subcultura para criar um contraste dramático como afirma Kipper (2023). Realizando uma análise aos detalhes, a gola branca e pontiaguda contrastada ao preto é facilmente associada à personagem Wednesday Addams (em português, Wandinha Addams), criação de Charles Addams para sua obra *The Addams Family* (1938), notória personagem ligada à subcultura gótica.

Já no material, há um contraste entre tecidos fluidos e estruturados. Iniciando pelo [1]fluido, a blusa de botão traz características descritas como "vampirescas" por Caetano (2020), desde o caimento leve da peça às mangas compridas e bufantes, favoravelmente associadas à imagem do vampiro vitoriano, bastante popularizada pela obra cinematográfica "Entrevista com o Vampiro" (1994), obra deveras popular na subcultura gótica. Ademais, a peça apresenta transparência, característica bastante associada ao fetichismo apontado por Caetano (2020), este potencializado ainda mais pelo contraste com o couro justo da calça e das luvas.

Uma vez que analisado o look da Versace, dá-se início ao estudo do *look* escolhido da coleção da mesma temporada, "The proliferration of memory", da marca japonesa Alice Auaa, assinado pelo designer Yasutaka Funakoshi. O *look* escolhido foi o de número 5 (Figura 2), uma vez que, assim como o escolhido anteriormente, apresenta vários elementos passíveis de análise.

[1] Disponível em: <https://www.versace.com/row/en/stories/fashion-shows/fw-2024-fashion-show.html>. Acesso em: 29 ago 2024.

Figura 2 - Look Alice Auaa

Fonte: https://www.instagram.com/p/CzQh-b-hjqE/

Ao que diz respeito a sua única cor predominante, o preto, característica mais marcante da subcultura gótica, ela se apresenta em diferentes tecidos e texturas. É possível observar, tal qual no *look* anterior, a presença de mangas compridas e bufantes em tecido transparente, remetendo à imagem vampiresca vitoriano mencionada anteriormente por Caetano (2020), desta vez contrastando com o uso do veludo, outro tecido com forte presença na indumentária gótica, reiterado por Silva (2024).

É importante dar destaque aos detalhes dos cintos na região do busto contrastando com o veludo, assim criando sobreposição e drama, além de colaborar com o imagético fetichista, geralmente visto nos *hardness* de couro utilizados na cena gótica, além de quando visto por trás, remetem a silhueta de um *corset*, peça na qual é mencionada por Caetano (2020) como importantes para a indumentária da subcultura combinadas a saias longas. Ademais, ao que ainda diz respeito a este fetichismo, o *look* analisado é composto de outro signo bastante disseminado na subcultura anteriormente mencionado por Oliveira (2016), o látex.

A tabela 1 abaixo sumariza a análise feita dos dois *looks*.

Tabela 1 - Resumo da análise

Símbolos góticos	Look 1 (Versace)	Look 2 (Alice Auaa)
Cor preta (Silva, 2024; Cordeiro, 2017)	Utilizado em predominância no *look*, contrastando com diferentes cores e texturas.	Utilizado no *look* como cor única, contrastando com diferentes tipos de tecido.
Contraste com outras cores [branco e vermelho] (Kipper, 2023)	Utilizado na gola da blusa e na cor da saia, criando contrastes dramáticos ao *look*.	-
Tecidos fluidos (Caetano, 2020)	Utilizado na blusa de botão, remetendo a uma estética vampiresca bastante presente da subcultura.	-
Manga comprida (Caetano, 2020)	Utilizada com efeito bufante na blusa de botão, remetendo a ideia do vampiro romântico clássico.	Utilizada com efeito bufante na blusa de botão, remetendo a ideia do vampiro romântico clássico.
Transparência (Caetano, 2020)	Utilizada na blusa de botões, estando associada ao fetichismo como forma de expressão na cena gótica.	Utilizada na manga do vestido, estando associado ao fetichismo como forma de expressão na cena gótica.
Couro (Caetano, 2020)	Utilizado na calça e nas luvas do *look* 1, sendo um forte signo ligado ao fetichismo.	-
Veludo (Silva, 2024)	-	Utilizado nas mangas e na parte de cima do *look*.
Corset (Caetano, 2020)	-	Utilizado no *look* 1 com detalhes de cinto na parte da frente, remetendo ao viés fetichista da indumentária gótica.
Saias longas (Caetano, 2020)	-	Utilizada no *look* como parte de baixo do vestido.
Látex (Oliveira, 2016)	-	Utilizado na calça por baixo do vestido, remetendo ao fetichismo expresso na subcultura.

Fonte: Autor (2024)

A priori, é de suma importância também resgatar a fala do autor Moraes (2017) ao inferir que o capitalismo se agarra até mesmo em coisas antes tidas como exóticas e marginais para capitalizar e manter sua estrutura. No caso dos signos góticos, essa capitalização dos símbolos a fim de fomentar o consumismo acaba por ir contra a própria subcultura, uma vez que os góticos valorizam sua cultura rejeitando o consumismo de massa e descarte e o materialismo do século atual (Kipper, 2018).

Em contrapartida, há o chamado consumismo subcultural, no qual aposta em uma produção consistente e substancial, cujo objetivo não é apenas o lucro (Caetano, 2020). Desse modo, o consumo subcultural tende a ser mais lento na atualização e homológico, assim, não havendo mudança de estilo a cada estação, permitem que as subculturas permaneçam coerentes conceitualmente (Kipper, 2018). Esta última característica é vista na marca japonesa Alice Auaa, na qual é perceptível a manutenção do seu estilo nos dias atuais desde seu ano de fundação, 1995, atendendo a subcultura e mantendo-se condizente ao seu conceito de marca descrito por Yasutaka (1995) em seu site[2] institucional como “dualidades contraditórias de

[2] Disponível em: <https://aliceauaa-official.com/free/profile>. Acesso em: 29 ago. 2024.

beleza e feiura, luz e escuridão, que não são simplesmente categorizadas através de um filtro decadente e surreal baseado na cor preta, mas sim o tempo de vida e inconveniência que reside em tudo o que é eterno."

Por outro lado, a marca italiana Versace, reconhecida pela sua explosão de cores, cortes reveladores e tecidos luxuosos, volta-se para quem quer ser notado, afirmar sua riqueza e sexualidade, oferecendo a promessa de se destacar e, quase, usar uma etiqueta de preço (Mróz-Gorgoń, 2013). Desse modo, é possível concluir que a Versace não condiz com as características subculturais do gótico, encaixando-se na afirmação de Moraes (2017) sobre a capitalização do tido como "exótico e marginalizado" visando apenas o lucro e assim, descaracterizando os signos utilizados na sua coleção de Outono/Inverno 2024, visto que a marca nunca esteve ligada à subcultura. Em contrapartida, percebe-se que a Alice Auaa se encaixa no consumo subcultural descrito por Kipper (2018), de forma que a marca japonesa utiliza os símbolos góticos de forma coerente e consistente, respeitando a subcultura e evitando a descaracterização de tais signos, como vistos na coleção "The proliferration of memory".

5 Conclusão

Conclui-se que, após análise dos looks, é possível perceber que ambos apresentam, de fato, um conjunto de signos góticos. Assim, é válido retomar a afirmação de Cordeiro (2017), no qual o autor pontua que góticos acabam por ser alvo de preconceito da sociedade devido ao seu modo de agir e vestir-se no cotidiano, uma vez que muitos enxergam seus símbolos como algo negativo (morte, trevas etc.). Dessa forma, é passível de questionamento a razão pela qual marcas de moda utilizam desses signos, ora vistos negativamente por muitos, em suas coleções.

Analisar duas coleções de moda de marcas diferentes, nas quais ambas apresentam símbolos associados à subcultura gótica, apresenta a reflexão de que é possível causar um esvaziamento destes símbolos, uma vez apropriados pela indústria da moda, quando há divergência de ideologias. Este estudo mostrou que quando uma grife de luxo, na qual nunca se associou à subcultura gótica antes, apropria-se de seus signos visuais como tendência visando apenas o lucro, tais signos acabam por serem esvaziados, uma vez que vai contra a ideologia anticonsumista da cena. Outrossim, também se concluiu que há a possibilidade de designers utilizarem os signos góticos em seus trabalhos, desde que se mantenham coerente aos valores da subcultura, tendo alguma familiaridade com a mesma e respeitando um processo mais lento de produção e lançamento, assim, não esvaziando a simbologia gótica.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARROS, J. D'A. O romantismo e o revival gótico no século XIX. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n.6, p. 169-182. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/704>. Acesso em: 30 ago. 2024.

BARTHES, R. **Sistema da Moda**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CAETANO, S. M. Indumentária, pertencimento e diferenciação: o papel das roupas na construção de uma identidade coletiva gótica. **Revista Ensaios**, v. 16, jan-jun, 2020, p. 176-192. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaios/article/view/44437>. Acesso em: 30 ago. 2024.

CAETANO, S. M. O consumo subcultural à luz da Teoria Cultural e da Filosofia da Diferença: a identidade e a identificação na esfera micro do gótico. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e832986357, 2020. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/343356364_O_consumo_subcultural_a_luz_da_Teoria_Cultural_e_da_Filosofia_da_Diferenca_a_identidade_e_a_identificacao_na_esfera_micro_do_gotico>. Acesso em 30 ago. 2024.

CORDEIRO, M. B. B. **Semântica das cores: Estudo de caso da subcultura gótica**, Tubarão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/7735/1/TCC.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FRANÇA, J. O gótico e a presença fantasmagórica do passado. **XV ABRALIC**. 2017. Disponível em: <https://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491403232.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GÓTICO. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.** São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3789/gotico>. Acesso em: 15 de novembro de 2023. Verbete da Enciclopédia.

KIPPER, H. A. **A happy house in a Black planet:** introdução à subcultura gótica**.** 2 ed. São Paulo, 2023.

KIPPER, H. A. **A happy house in a Black planet 2:** introdução à subcultura gótica. 1 ed. São Paulo, 2018.

LOBACH, Bernd. **Design Industrial.** Rio de Janeiro: Edgard Blucher, 2000.

LUFT, C. P. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2008.

MACHADO, I. Cultura em campo semiótico. **REVISTA USP**, São Paulo, n.86, p. 157-166, junho/agosto 2010. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1b4Kfiug_fTnlfR2Yyj2ayU9KGwYeRsYP>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MACHADO, M. S. Idade Média, Renascimento e o Início da Modernidade – Desfazendo Mitos. **A Palavra e a Imagem**. 2007.

MENDONÇA, S.; SCHEFFEL, L. O que são subculturas?, **Moda de Subculturas**, 1 jun. 2021. Disponível em: <http://www.modadesubculturas.com.br/2021/06/o-que-sao-subculturas-projeto-de.html>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MORAES, Lucas Vidal Silva. Para além da aparência: apropriação cultural no capitalismo, **Esquerda Online,** 13 fev. 2017. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2017/02/13/para-alem-da-aparencia-apropriacao-cultural-no-capitalismo/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MORGADO, A. C. As múltiplas concepções da cultura. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 4, n.1, mar. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16983>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MRÓZ-GORGÓN, B. **Surname as a Luxury Brand**: Brand Value Perspective. *In*: Diversity,

Technology, and Innovation for Operational Competitiveness: Proceedings of the 2013 International Conference on Technology Innovation and Industrial Management. Phuket, Tailândia, 2013. Disponível em: <https://ideas.repec.org/h/tkp/tiim13/s1_145-156.html>. Acesso em: 29 ago. 2024.

OLIVEIRA, K. F. P. **A Estética Gótica e sua Influência no Vestuário**. Apucarana: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5867/1/AP_CODEM_2016_1_05.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: [*s. n.*], 2008. cap. 13, p. 319 - 342.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23 ed. São Paulo, 2007.

SILVA, A. A. **Arte Gótica, uma Simbologia Divina em uma Coleção de Moda.** Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/56078> Acesso em: 29 ago. 2024.